

## Morreu o mestre e patriarcha das lettras Guerra Junqueiro

Da sua vida e do seu labor -- O mestre no seu lar -- "Os simples" obra mestra de arte -- "A bandeira" -- "Os submarinos" -- "A conversão no crepusculo" -- "O cavador"

### Da sua vida e do seu labor

Como um sol que se funde na magnificencia do vespertino crepusculo para nunca mais luzir, extinguiu-se a nobre vida de um homem genial: Abilio Guerra Junqueiro, irmão espiritual de Quintana, de Victor Hugo, de «Mosén», Jacinto Verdagner, dos magnos cantores que ao trovar a Humanidade e a Patria, conquistaram a immortalidade gloriosa.

Secco, nervoso, attrahente e expressivo; com vehemencias juvenis nos ademanos, com sympathia persuasiva na palavra; de porte veneravel, fronte despejada, barba apostolica, aquilino nariz e sorriso benevolo, o mestre assemelhava-se a um rabbino que se subtrahia á leitura do Talmud para contemplar a comedia humana e perdoar as muitas faltas da obra e dos seus interpretes.

Hespanha e Portugal, estando tão proximos, tem vivido tão distantes até data tão recente, que só assim se comprehende que entre nós Guerra Junqueiro seja maior pelo seu merito do que pela sua fama.

Alguns sabem que foi um politico apaixonadissimo, enamorado das ideias republicanas, idolatra da Liberdade, como Hugo. Outros recordam as suas *Canções* de adolescente, bronzes como os que fundiu D. Manuel José Quintana. Ha quem, por impulso sectario, rememore as irreverencias e até as blasphemias que o grande poeta proferiu nos tempos em que a sua inspiração fluctuava entre o desenfado de Béranger e as enormidades rimadas de Richépin.

A essas epochas correspondem os seus livros *A morte de D. João* e *A Velhice do Padre Eterno*.

E a todas as epochas da existencia do soberano escriptor corresponde a essencia mystica, que era effusão da sua alma e aroma das suas produções.

### O Mestre no seu lar

Era artista, egregio artista nas multiplas manifestações do seu pensamento e do seu intimo sentir.

A sua casa solar do Porto foi-se convertendo em inestimavel Museu por virtude do bom gosto e da paciencia colleccionista do seu dono.

Desde o vestibulo, presidido por um Crucifixo e illuminado por uma lampada antiga, até ao ultimo fécantinho da vivenda, não havia—não haverá, porque Portugal saberá conserval-o—objecto que não merecesse admiração ou, pelo menos, interesse de curiosidade: louças, porcelanas, esmaltes, ferros lavrados e, sobretudo, uma série de imagens de Christos esculpidas, que mostram a interpretação diversa que deram á figura do Rabbí Josué os artistas da Edade Media

e os esculptores da Renascença. Ali, no seu verdadeiro centro, o poeta assimillava intelligentissimo custodio de um templo onde só faltava a pulsação da Fé. Mas essa pulsação adivinhava-se, presentia-se, como se adivinha a luz entre rosiclères do amanhecer.

Guerra Junqueiro sabia narrar amenissimamente a historia da busca e captura de cada objecto. Uns procediam de ex-conventos lusitanos; outros da fabrica de Sagardellos; as filigranas eram de Iria Flavia; os azeviches, de Compostella; as pedras talaveresas, de Mogarraes, da Alberca, de Miranda do Castañar e povoações serranas salamantinas; as telas lithurgicas pertenceram a uma abbadia castelhana... E era um encanto escutar as anedoctas associadas aos tratos e cambalachos que requereram as suas aquisições.

O Mestre viveu sempre como um artista desprezador de miserias terrenas. Quando o acoassavam inquietações intimas, fugia para uma praia solitaria, para um monte apartado, para uma ermida, e ali se confortava ante as grandezas eternas e se sentia homem...

Em uma d'essas fugidas o conhecemos; foi na serra de França, ao pé da Peña del Huevo. Cavalgava um rocino escanzelado; seguia-o um camponio albercano; ia contentissimo. A nossa saudação foi um «Viva o principe dos poetas!» Guerra Junqueiro respondeu com um «Viva Hespanha!»

Entreabriu o largo guarda-pó de viagem, mostrou-nos um prato de Talavera baronado com um escudo episcopal; apertou fortemente as nossas mãos, e depois de breve conversação, chegou as esporas ao cavallicoque e affastou-se... Na volta da estrada voltou-se para despedir-nos, estendeu a mão e a sua ultima saudação foi uma cruz traçada no ar: a benção do patriarcha aos peregrinos.

Passará, já quasi passou, a sua obra de jornalista. Viverá sempre a sua obra genial de poeta. A onda desfaz-se; o Hymalaia subsiste.

### "Os Simples", obra prima de arte

Cumulo, não só de arte de Guerra Junqueiro e da arte iberica, mas também cumulo da arte universal, é o livro *Os Simples*. Emquanto sobre o orbe existir a dôr, enquanto houver heroes que luctem na sombra, *Os Simples* será o guia da resignação e o pharol de consolo. Com sobria sinceridade, o auctor referiu que escreveu esse livro nos angustiosos instantes em que a sua alma e o seu corpo atravessaram uma d'essas crises supremas que arruinam o edificio d'uma vida e purificam o espirito e a materia.

O poeta ergueu-se triumphante no final da

tremenda prova, e nos momentos em que convalescia, sentiu e realizou a sua obra. N'ella declarou que quiz mentalmente viver a vida singela e primitiva das boas e santas creaturas que passam por um mundo de miserias e de injustiças, de vícios e de crimes, de fomes e de tormentos, sem um olhar de maldição para a Natureza e sem uma palavra de queixa contra o Destino. Para viver essa vida encarnou-se imaginativamente no rude pastor ascetico, no sorridente moleiro octogenario, no cavador tragico, nos mendigos biblicos, até—permittase a hyperbole—na mansidão dos bois que arrastam a sua pesada carga pelos campos e nas labaredas de ouro do tronco do castanheiro que arde na lareira dando calor aos velhos, alegria ás creanças e luz ás pobres choças. E depois de viver essas vidas de austero sacrificio e de bondade exaltadas á maxima abnegação, acompanhou os ingenuos e desvalidos aldeãos até ao recanto mysterioso do Campo Santo rural, e ali os deixou na paz do ultimo sonho, nas modestas covas, cobertas pelo ceu maravilhoso e limpo que durante a vida sonharam e apetece-ram...

Os *Simples* é o producto da feliz união do realismo como edualismo, do naturalismo da existencia corpo rea com o mysticismo excelso. Brotou do real, mas surgiu atravez do ideal: a alma do poeta. E foi a união tão perfeita e tão intimo o consorcio entre o fazedor e a obra, que não ha maneira de assignalar onde acaba a pintura rustica e onde principia a auto-biographia psychologica. A ideia coalhou em molde soberano; a fórma respondeu ao mandato do pensamento; o cinzel respondeu docil aos dictados do coração e n'esta summa de acertos achou genesis a obra immortal...

Cantou o poeta a pureza do viver campesino, as suas estrophes semelham agua viva de crystalino manancial. Cantou a conformidade dos trabalhadores, e os seus versos são bem aventuras cheias de serenidade evangelica. Cantou a santidade do solitario guardador de rebanhos, e a sua endecha é pura de asucenas que floresce no athaude do centenario pastor de Traz-os-Montes.

Guerra Junqueiro quiz fazer uma obra que fosse ao mesmo tempo absolutamente individual, ingenuamente portugueza e vasta e fundamentalmente humana. Fez-a creando ao mesmo tempo o Kempis dos humildes.

Em *Os Simples*, como Thomaz de Kempis na *Imitação*, Guerra Junqueiro não offerece aos que soffrem o consolo do humano; dá-lhe a esperança do mais-além; mostra-lhes sobre o lodaçal o docel do firmamento, e diz-lhes, com phrases apostolicas, que para recolher o galardão dos bons e para arribar ao asylo eterno é preciso entrar pela obscura porta da vala commum... Por certo em toda a litteratura universal não se encontra uma obra como esta: toda humildade sincera. Desde a viagem do peregrino que sonha conquistas gloriosas e acaba tornando com a alma despedaçada, o corpo macerado e sem outro anhelo que o de encontrar descanso e esquecimento no montão anonymo; até ás estrophes finaes, em que o poeta traz a encarnação espirital em outros corpos, regressa ao lar nativo e pede á ama que o adormeça com os cantos da afastada meninice, respira-se nos *Simples* um ambiente de paz confortadora, de altruismo effusivo que só tem precedentes nos mysticos da tempera dos Luizes, o de Granada e o de Leão.

Interprete dos resignados, Guerra Junqueiro deu ás suas estrophes sangue e musculos, nervos e arterias, calor e vida. Por isso, sendo entranhadamente humanas, são immortaes e eternas: como a dôr, como a esperança.

## A Bandeira --- Os submarinos

Sentia já o Mestre o peso dos annos e dos desenganos. Achava-se n'um largo parenthesis do seu labor jornalístico. Era o começo do epilogo. A Republica triumphava, e havia em Portugal uma ancia infantilmente renovadora, talvez mais sollicita por mudar os aspectos exteriores, que os essenciaes e o contheúdo intimo das coisas. N'esse afan renovador chegou a vez ao symbolo da Patria, a bandeira ennobrecida por seculos de combates, de empresas maritimas, de façanhas que enchem a Historia. E ao tratar-se de crear outra bandeira, de mudar as côres da insignia nacional, a Patria e a Tradição clamaram juntamente, achando interprete magnifico no incendiado entusiasmo do velho republicano. A penna de Guerra Junqueiro achou apostrophes vibrantes, deprecações fervidas, supplicas amorosas, argumentos para os pensadores, pulsações de emoção para os rudes e analfabetos, exhortações fraternas em defesa de que os lusos não renegassem o pavilhão azul e branco, brasonado pelo escudo vermelho com orla de castellos e escudo de quinas postas em cruz... Acerto de inspiração, digno de perpetuar-se em anthologias, foi o artigo do grande publicista.

As suas palavras lograram ser ouvidas, mas não conseguiram ser escutadas. O artista tinha razão; mas a politica não quiz nunca caminhar ao compasso da razão nem da arte...

No fragor da guerra europeia, quando o mundo se desangrava na desastrosa matança que, como o diluvio Universal aniquila uma epoca na existencia da inhumana Humanidade; quando a desesperação levou os combatentes ao paroxismo destructivo e envenenou os ares com gazes venenosos e arrazou povoações com explosivos lançados de dirigiveis e de aviões, appareceram os submarinos como arma de ataque, Guerra Junqueiro, tornou a pegar da penna, e escreveu o seu ultimo trabalho em prosa—não temos noticia de nenhum outro com data posterior—um trabalho que é ungido e anathema, condemnação altiva, maldição tragica, treno apocalyptic.

Então, como antes, como sempre, o genial poeta, o prócere jornalista, pensou com o coração; pensou no proximo, e com a compaixão para com os debeis, com a comoção do que sente o soffrimento alheio, envergonhou se da barbarie, do occaso da fraternidade ante a vesania collectiva,

E então, como antes, como sempre, o espirito do mestre, alternou a execração com a prece, e fluctuou na sua fé respeito ao divino que se encerra no humano.

## A conversão no crepusculo

Na tranquillidade da sua casa do Porto, a-gós com a sua consciencia, frente a frente com as

esculpidas imagens do Martyr do Golgotha, contemplando o panorama da sua vida do alto da idade septuagenaria, Guerra Junqueiro ajoelhou-se e rezou; rezou como tinha rezado na sua infancia, como rezavam os seus mendigos, os seus pastores, os seus pobresinhos, entregando o coração a Deus, tremendo, chorando, com a emoção do que—alfim!—acerta em crêr sem vêr... e a conversão do poeta, no retorno ás creanças, foi a paz para o seu espirito até então conturbado; foi o consolo inefavel do mystico que vislumbra a terra de promissão, foi a ancia de morrer para viver...

Os contadissimos amigos que disfructaram o privilegio de acompanhar o mestre n'estes mezes de seu existir, não sabem, não podem expressar o que viram, o que viveram...

O homem de grande coração, o artista de cerebro genial arrependeu-se das suas blasphemias, mostrou-se constricto das suas impiedades e descreanças, supplicou encaecidamente que fossem anulados e destruidos aquelles seus escriptos que contrariassem e escarnecessem a Igreja de Christo, e pediu perdão pelo damno que com elles houvesse ocasionado a todos os seus irmãos, a todos, aos grandes e aos pequenos, aos poderosos e aos necessitados... O poeta da Umbria assistiu ao poeta de Traz-os-Montes...

E assim chegou o final, o transito. E assim se finou o altissimo poeta.

Portugal, que não lhe deu a presidencia da Republica, lhe dará um monumento. O mundo curto, o que lê e sente e pensa collocará Guerra Junqueiro n'esse grupo selectissimo dos grandes cantores da Humanidade.

E o poeta, que nada quiz em vida, pediu, na agonía, uma Cruz que bemdiga os seus restos e uma oração para a sua eterna paz.»

\* \* \*

Eis agora um reflexo commovedor da inspiração e do sentimento immortal do poeta:

## El Cavador

*Es noche de Diciembre... Canta alerta el gallo; entre la sombra canta alerta...*

*¡Oh dolor! ¡Oh dolor!...*

*Al labriego que duerme ve y despierta, miseria: al campesino ve y despierta...*

*¡Oh dolor! ¡Oh dolor!...*

*Llama de tu vasallo ante la puerta, y, con la azada al hombro, que a la puerta, ¡oh, miseria!, se asome el cavador.*

*El viento ruge... El pequeño se asombra; el debil pequeño tiembla y se asombra...*

*¡Oh dolor! ¡Oh dolor!...*

*Cae la nieve tejiendo blanca alfombra, la nieve cae del cielo como alfombra...*

*¡Oh dolor! ¡Oh dolor!...*

*Y con la azada al hombro, entre la sombra, cruza por los caminos entre sombra cual un fantasma negro el cavador.*

*Mira nacer la luz de la alborada; mira morir la luz de la alborada...*

*¡Oh dolor! ¡Oh dolor!...*

*El monte abrupto que esmaltó la helada se yergue como un bronce entre la helada...*

*¡Oh dolor! ¡Oh dolor!...*

*E inclinándose torvo con su azada, desgarrá el monte abrupto con su azada cual un fantasma negro el cavador.*

*Cavando está desde que nace el día... Cavando sigue, y al mediar el día...*

*¡Oh dolor! ¡Oh dolor!...*

*De pie, en la cumbre estéril y bravía; triste, en la cumbre estéril y bravía,*

*¡Oh dolor! ¡Oh dolor!...*

*Suelta la azada y dice: «Ave María»; y repite muy quedo: «Ave María»... cual un fantasma negro el cavador.*

*Cavando sigue y roturando suelos; hasta que expira el sol rotura suelos...*

*¡Oh dolor! ¡Oh dolor!...*

*Y apenas gana el pan de sus hijuelos... ¡Señor!... ¡Señor, me has dado seis hijuelos!...*

*¡Oh dolor! ¡Oh dolor!...*

*Ya suena la oración: «Dios de los cielos; ¡Gloria a ti! ¡Gloria a ti!, Dios de los cielos... reza, cual un fantasma el cavador.*

*Cavó cien montes... ¡A otros darán trigo! Deja seis bocas... ¡Quién les dará trigo?*

*¡Oh dolor! ¡Oh dolor!...*

*El Hambre va a llamar a su postigo... Llama la Muerte negra a su postigo...*

*¡Oh dolor! ¡Oh dolor!...*

*«¡Que la paz del Señor sea conmigo!...» «¡Que la paz del Señor sea conmigo!...»*

*Dice, expirando, el pobre cavador.*

Por la traducción,

**M. R. Blanco-Belmonte.**

\* \* \*

*Este artigo formosissimo transcrevemol o, com justo orgulho e com o mais grato reconhecimento, como portuguezes, do A. B. C., de Madrid.*

## CAMBIOS

Em 12 de Julho

PRAÇAS	COMPRA	VENDA
Londres.....	2 19 64	2 17 64
» 90 dias...	—	—
Paris.....	1350	1370
Allemanha.....	1	1,5
Hollandã.....	8910	9045
Madrid.....	3300	3350
Belgica.....	1120	1145
Italia.....	995	1006
Suissa.....	3990	4035
Suecia.....	—	—
Noruega.....	—	—
Dinamarca.....	—	—
Austria.....	—	—
Tcheco-Slovaquia	—	—
New-York.....	22750	23100
Brazil.....	—	—
Rio s Londres...	—	—
Rio s Lisboa.....	—	—
Libras.....	—	—
Agio do ouro....	—	—